

CADASTRE SEU E-MAIL

GO

BUSCA

Projeto

GO

ONDA
JOVEM

HOME

MANCHETE

SALA DO PROFESSOR

TEMPO REAL

.GOV.COM

PITACO

FALE CONOSCO

QUEM SOMOS


NAVEGANDO

edição 02 - AGO 2005

[A Nova Força do Trabalho]

INDICE DESTA EDIÇÃO

EDIÇÕES ANTERIORES [PDF]

COMENTAR ESTE ARTIGO ENVIAR ESTE ARTIGO IMPRIMIR 

A+ A-

TEXTO DE TRABALHO

Escolha para todos

A opção profissional cabe a cada um e todos são sujeitos capazes de escolher, baseados na reflexão sobre si mesmos, o mundo e as profissões

Texto: Silvio Bock

A escolha profissional não é um fenômeno universal e nem se constitui como uma capacidade inata no homem, atributo da natureza humana.

Historicamente, ela só aparece de forma significativa no

momento em que o capitalismo se instala de forma hegemônica no planeta. Segundo alguns autores, são três as características que determinam esse momento: a existência de um trabalhador "livre" das relações jurídicas que regiam o modelo de vassalagem anterior; um trabalhador "liberto" da propriedade dos meios de produção; e, por fim, o fato de o objetivo primeiro e único da produção ser o aumento do capital empregado.

A sociedade, a partir daquele momento, passava a ser vista como composta por camadas sociais, de formato piramidal, o que possibilitaria ascensão social a partir de certas condições. Essas condições se referiam e se referem até hoje a fatores de ordem individual: escolaridade, inteligência, persistência, ambição, perspicácia, talento, esforço e, na atualidade, acrescentam-se ética, polivalência e flexibilidade.



Foto: Márcia Zoet

São dois os mecanismos fundamentais que permitiriam essa ascensão social: educação e vocação. Quanto maior a escolaridade que o indivíduo alcançasse, mais chance ele teria de “subir na vida”, aliada à sua vocação, que destacaria o prazer e a facilidade de executar determinadas atividades. Como consequência, de um lado se teria maior produtividade e, de outro, realização pessoal e profissional. A concepção filosófica que dá fundamento a essa visão é o liberalismo.

A negação do sujeito

No Brasil, a escolha profissional ficou restrita às pessoas que terminavam o ensino médio e poderiam postular uma vaga no ensino universitário, este sim, atribuindo um título profissional. Por isso, para as classes médias a escolha se constituía em problema a ser enfrentado, enquanto para as classes mais baixas restava-lhes a única alternativa: a inserção no mercado de trabalho, o que se dava apenas por fatores contingenciais, sem nenhum planejamento.

No fim da década de 70, os teóricos críticos da área questionavam a idéia de escolha profissional ao afirmar que os despossuídos não tinham alternativa. A realidade econômica e social impunha de forma indelével os caminhos das pessoas (inclusive dos privilegiados). Hoje, temos claro que tal posição é equivocada, pois desconhece, ou mesmo nega, a existência do sujeito.

Ao apontar esse equívoco não se pretende resgatar o liberalismo como fundamento e nem atribuir toda a responsabilidade de solução dos problemas ao indivíduo, mas apontar que as esferas sociais e individuais não estão separadas. O indivíduo está objetivado na sociedade e a sociedade está internalizada e singularizada no indivíduo. Assim, toda escolha profissional é uma escolha feita por um indivíduo; todo sujeito, por mais restritas que sejam as condições socioeconômicas, é sempre um sujeito que pode escolher. Esta posição que aqui defendemos não deve ser confundida com visões que afirmam que a escolha profissional, se bem feita, proporcionará ascensão social, e nem com a idéia de que a maioria excluída, em nossa sociedade, não escolhe.

Lutamos para que todas as pessoas, sem distinção, tenham possibilidades de escolher, isto é, de refletir sobre si mesmas, sobre o mundo em que vivem e sobre as profissões, tornando possível a construção de projetos de futuro.

Pensar e pensar

Como, então, se escolhe uma profissão? Não existe fórmula mágica e nem testes capazes de apontar o caminho a ser seguido. A única forma realmente adequada para escolher uma profissão é pensar, e pensar bastante. Pensar em tudo que envolve essa importante decisão. Conhecer todas as possibilidades profissionais, para que nenhuma profissão fique de fora por desconhecimento. Informar-se sobre as profissões, por meio de leituras e conversas, para fazer a opção calcada em dados confiáveis. Desenvolver o autoconhecimento, isto é, conhecer-se no que “se foi” e no que “se é”, para projetar quem se pretende ser no futuro.

Informar-se a respeito de como se “adquire” uma determinada profissão, qual a escolaridade exigida, quais cursos preparam o profissional e qual o custo da formação. Ficar por dentro de todas as transformações que estão acontecendo na organização e execução do trabalho, em decorrência da globalização da economia e da introdução de novas tecnologias nos modos de produzir. Conhecer as situações econômica regional, nacional e até internacional, para entender quais ações cabem ao indivíduo e quais só podem ser resolvidas pelo cidadão, como ser político. Conhecer a legislação referente ao trabalho para reivindicar direitos também se faz necessário.

Um ato de coragemL

Mas tudo isso ainda não é suficiente para que a escolha aconteça. Escolher é ter que optar por uma dentre algumas alternativas. Possibilidades que até podem ser igualmente atraentes, mesmo que por motivos diversos. A escolha pressupõe a existência de dúvidas, de impasse; portanto, escolher significa, em última análise, resolver um conflito e isso se dá por meio de um ato de coragem.

Escolher significa, também, correr riscos e lidar com a perda. Sempre que se toma partido por uma das possibilidades, deixa de ser possível vivenciar a outra, que não significa que esta seria necessariamente pior. O que resta é assumir o risco e a perda, o que não é nada fácil.

A idéia da escolha como um ato de coragem questiona concepções tradicionalmente consideradas como paradigmas. Contesta a noção de que haveria moldes

profissionais preestabelecidos nos quais a pessoa deveria se encaixar. Questiona a idéia da existência de uma única profissão que se ajustaria à pessoa e que seria a certa, contra todas as outras, as supostamente erradas. Refuta a idéia de que os seres humanos nascem com potenciais ou aptidões determinadas. Recusa o pressuposto de que a vocação é um atributo inato ou mesmo adquirido e cristalizado a partir de certa idade.

Diferente das concepções que estão ainda no imaginário das pessoas, a escolha não se constitui num jogo de encaixe entre perfil pessoal e perfil profissional. O indivíduo se transforma constantemente, ou seja, é capaz de construir novas habilidades, desenvolver outros interesses e mudar o seu jeito de ser. Por isso, o ato de coragem se forma na síntese do racional e do emocional. O ato de coragem é um pacto que a pessoa faz consigo mesma de se comprometer com a escolha, de batalhar para que ela dê certo. Por outro lado, as profissões e ocupações também estão em movimento: criam-se novos campos de atuação em função do contexto social, político, econômico e tecnológico em que estão inseridas.

Como educadores, não basta sermos somente fonte de informações. Só estaremos ajudando os adolescentes e os jovens no intrincado desafio da escolha profissional se problematizarmos a realidade, criticarmos e apontarmos sua transformação constante, analisando suas mazelas e discutindo como ocorrem as transformações. A opção profissional não significa apenas a escolha de um curso ou a decisão pelo exercício de certas atividades. Escolher a profissão também significa escolher como se vai atuar no mundo.

Silvio Bock é pedagogo, doutorando em Educação pela Unicamp, diretor do Nace – Orientação Vocacional, autor do livro Orientação Profissional: A Abordagem Sócio-histórica (Editora Cortez) ■